

# Sociabilidade: apenas um conceito?

Rousiley C. M. Maia\*

Professora do Depto. de Comunicação Social da UFMG

**RESUMO:** Diante de alguns impasses da teorização sociológica micro e macro, o objetivo central deste ensaio é desenvolver uma reflexão acerca da noção de "sociabilidade" inspirada na acepção de Simmel, buscando inscrevê-la entre algumas correntes do pensamento social contemporâneo. A sociabilidade, mais que uma mera categoria de interação social, oferece um frutífero ponto de partida para se examinar a dinâmica da experiência vivida e seus modos sociais de organização, mostrando um confronto sempre contraditório e agonístico com as ordens normativas e os padrões culturais mais amplos da sociedade.

Palavras-chave: sociabilidade, experiência, Simmel

**RÉSUMÉ:** L'objectif central de cet essai est de développer une réflexion autour de la notion de "sociabilité" inspirée de l'acception de Simmel, en essayant de l'inscrire au sein de quelques courants de la pensée sociale contemporaine, en raison de certaines impasses de la théorie micro et macro sociologique. La sociabilité, plus qu'une simple catégorie d'interaction sociale, offre un fructueux point de départ pour examiner la dynamique de l'expérience vécue et la manière dont elle s'organise socialement, permettant de mettre en évidence une confrontation toujours contradictoire et agonistique vis-à-vis des ordres normatifs et des modèles culturels plus amples de la société.

Mots-clés: sociabilité, expérience, Simmel

**ABSTRACT:** The major task of this article is to examine the notion of "sociability" inspired on Simmel's work. It is an attempt to place this notion within streams of contemporary social thought, taking into consideration some dilemmas derived from the micro and macro sociological theorizing. It is argued that sociability, more than a single category of social interactions, offers a fruitful standpoint for one to examine the experience of daily-life and its social modes of organization, evincing the usually contradictory confrontation with normative orders and broader cultural patterns of thought in society.

Key words: sociability, experience, Simmel



Na acepção de Simmel, sociabilidade é uma "forma pura"<sup>1</sup>, "forma espontânea de interação", livre de qualquer interdependência entre os indivíduos. Liberta do conteúdo ou da substância, sociabilidade é a forma de interação social que "não possui um fim definitivo, nem conteúdo, e nem resultado fora dela mesma"<sup>2</sup>. À primeira vista, causa estranheza pensar em uma interação social livre de conteúdo e de qualquer dependência. Afinal, os indivíduos encontram-se sempre e inevitavelmente inseridos na vida social, com suas próprias tradições, padrões culturais de pensamento e regras de comportamento. As ordens sociais são historicamente constituídas, encontram-se institucionalizadas e precedem os indivíduos. Os indivíduos, por sua vez, são atores socializados, assimetricamente inseridos nas estruturas sociais, com hábitos mais ou menos arraigados e com uma história de vida particular que não pode ser abandonada por ato da mera vontade individual. Estaria Simmel convocando-nos a abandonar o campo dos conteúdos?

Diversos autores contemporâneos têm utilizado a noção de sociabilidade enquanto "forma lúdica da socialização", associando-a sobretudo às experiências que têm o caráter de entretenimento, de festas ou da informalidade de conversas amenas<sup>3</sup>. Divergindo da preocupação sociológica central de seus contemporâneos de tratar da alienação, da dominação e da crescente abstração da sociedade moderna, estaria Simmel, ao cunhar o conceito de sociabilidade, propondo um convite fortuito para desviarmos o olhar do poder e das desigualdades sociais e abordarmos o lúdico, o festivo? Apesar de estudos contemporâneos terem mostrado o quão frutífero e revelador é o estudo da dimensão lúdica para o entendimento da vida social, e de terem, assim, estabelecido a propriedade do tema para qualquer investigação sociológica, seria este o principal prognóstico a ser extraído da noção de sociabilidade em Simmel?

Neste artigo, pretendo discutir que a noção de sociabilidade, concebida a partir do quadro teórico mais amplo de Simmel, não se reduz a uma

mera categoria de interação, uma "forma" de interação estabelecida por simples oposição àquelas formas marcadas pela racionalidade estratégica e pelo cálculo técnico-eficiente. Como Gabriel Cohn recentemente observou,

*"é difícil sustentar que, no núcleo do esquema analítico de Simmel, esteja uma sociologia estritamente formal [...]. Uma sociologia realmente formal exigiria um rompimento radical com a perspectiva do conteúdo e uma completa eliminação das ressonâncias românticas no pensamento de Simmel, a começar pela idéia de tragédia da cultura e pelo seu desdobramento na idéia de uma tensão entre formas de sociação e as experiências vividas no âmbito social. Mas talvez seja nessa direção, mais do que em qualquer outra, que possamos encontrar linhas de análise para as quais Simmel oferece mais do que parece à primeira vista".<sup>4</sup>*

À meu ver, é possível extrair da "tensão entre formas de sociação e as experiências vividas no âmbito social" uma proposta para se compreender a interpenetração da ação e estrutura, como complementariedades. É dessa perspectiva que procurarei, a seguir, examinar o modo pelo qual a noção de sociabilidade, mais que uma mera categoria interna à classificação de formas de interação, oferece um relevante ponto de partida para se abordar criticamente a dinâmica das interações sociais e a sempre contraditória articulação destas com a ordem social e os padrões culturais. Na primeira parte do texto, realizo uma breve incursão no pensamento de Simmel, com o propósito de rever a distinção que este autor estabelece entre forma e conteúdo e o quadro analítico das formas de sociação. Na segunda parte, procuro inscrever a concepção de sociabilidade entre algumas correntes do pensamento contemporâneo, localizando-a entre alguns impasses do chamado debate micro-macro da teorização sociológica.

\* Doutora em Ciência Política pela University of Nottingham, Inglaterra. Este artigo apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa, "Mídia e a Reabilitação da Experiência: pressupostos e controvérsias teóricas", desenvolvido com apoio do CNPq e do FAPESP.

<sup>1</sup>SIMMEL, G. 'Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal'. In: FILHO, E. M. (Org.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.165.

<sup>2</sup>SIMMEL, G. The Sociology of Sociability. In: FRISBY, D., FEATHERSTONE, M. Simmel on culture. London: Sage Publications, 1997. p. 120-130, p. 126.

<sup>3</sup>Ver: MAFFESOLI, M. À sombra de dionísio - contribuição para uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1985.; e MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

<sup>4</sup>COHN, G. As Diferenças Finas: de Simmel a Luhmann, RBS, v. 13, n. 38, p.53-62, 1998, p. 57.

## Simmel e a sociologia formal

A contraposição que Simmel estabelece entre a idéia de "vida" e a de "forma" é fundante do quadro conceitual deste autor. A vida é entendida como fluxo concreto de eventos dotado de caráter intrinsecamente *criador*, sendo os indivíduos sempre os seus portadores. Formas têm sua gênese na própria vida. No entanto, uma vez realizadas, as formas tendem a contrapor o seu caráter acabado, fechado, à existência concreta dos sujeitos. Como afirma Gabriel Cohn,

*"a idéia básica [do esquema analítico de Simmel] é a de que determinados padrões de interação destacam-se dos conteúdos (sentimentos, impulsos) que de certo modo lhes davam vida e passam a operar por sua própria conta, como receptáculos para relações que se ajustem a eles".<sup>5</sup>*

Simmel reconhece que as constelações de indivíduos interagindo uns com os outros geram fenômenos supra-individuais que são condensados ou cristalizados em formas distintivas. Daí o paradoxo: os indivíduos nunca podem realizar-se plenamente em sua autonomia e individualidade, posto que não possuem uma subjetividade autônoma e encontram-se necessariamente imbricados num transcurso que os ultrapassa. Nesse sentido, é bem conhecida a descrição de Simmel do modo pelo qual o fluxo das experiências humanas inelutavelmente se vê aprisionado em formas fixas, das quais o próprio indivíduo se distancia.

A distinção entre forma e conteúdo em Simmel nem sempre é clara e tem sido foco de continuada disputa entre os estudiosos do autor. Críticos têm apontado que tais termos recebem diferentes definições e que o tratamento de certos tópicos mostra-se, por vezes, inconsistente<sup>6</sup>. Para nossos propósitos, a noção de "forma" em Simmel pode ser entendida a partir de duas definições principais. Forma designa, numa primeira acepção, "modelos heurísticos", no sentido de "constru-

ções mentais" que permitem ao pesquisador ordenar e analisar a realidade social. Numa segunda acepção, "formas" podem ser compreendidas como produtos da interação social, dizem respeito às "estruturas recorrentes" que sublinham os conteúdos sempre mutantes das interações sociais.

Simmel recusa-se a conceber a sociedade de maneira holística, como uma estrutura ou um conjunto bem ordenado de partes, com atributos persistentes. Mostra-se suspeito também das teorizações que procuram explicar as interações sociais de maneira mecânica, de tal modo que as práticas locais, no âmbito micro, reproduzem, de maneira coerente e serena, a ordem social geral. Diante de tal perspectiva, Simmel não toma a investigação da sociedade apenas sob um ponto de vista macro-sociológico. Propõe, ao invés disso, a compreensão da experiência da vida de modo não totalizado, salientando as fragmentações, as dispersões e as migrações que ocorrem nos âmbitos micro-cósmicos da vida social.

As formas em Simmel, enquanto modelos heurísticos, não são conceitos gerais aos quais se chega através da generalização e da abstração. Elas visam oferecer, antes, uma maneira peculiar de conceber e examinar a realidade social. Esse autor procura pensar a sociedade não diretamente como um conjunto de interações em fluxo, mas como um conjunto de formas padronizadas. Com este esquema analítico em mente, o observador social pode indagar, por um lado, a respeito da relação das próprias formas entre si (por exemplo, como se relaciona a divisão de trabalho com a competição e esta com o conflito, e assim por diante) e, por outro, da relação entre as formas e os conteúdos que as preenchem no desenrolar da vida social<sup>7</sup>. Tal como o "tipo ideal" weberiano, que permite ao pesquisador apreender o modo pelo qual um fenômeno concreto se aproxima ou se afasta do tipo, também a forma simmeliana pode ser vista como um instrumento para captar uma combinação típica que marca uma dada relação e as suas diversas modulações<sup>8</sup>. Contudo, enquanto Weber persegue o

<sup>5</sup>COHN, G. As Diferenças Finas: de Simmel a Luhmann, RBS, v. 13, n. 38, p. 53-62, 1998. p. 57.

<sup>6</sup>Ver FRISBY, D. Georg Simmel. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.; COSER, L. (Ed.) Georg Simmel - makers of modern social science. New Jersey: Prentice-Hall, 1965.; ALEXANDER, J. 'Formal Sociology' is not multidimensional: breaking the 'code' in Parsons's fragment on Simmel. In: \_\_\_\_\_. Neofunctionalism and after. Massachusetts: Blackwell, 1998. p. 104-117. Examina a controvérsia acerca do método/estilo de Simmel de modo mais detalhado em "Forma e Experiência: a visão ambivalente de Simmel", Logos, Ano 5, n. 10, 1999.

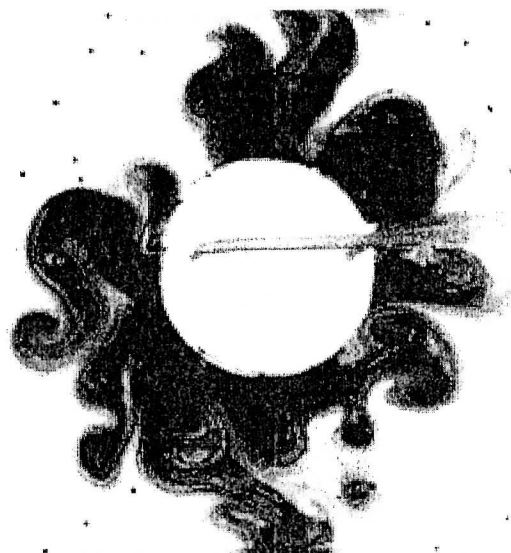
<sup>7</sup>COHN, G. Simmel e a Depuração das Formas. In: \_\_\_\_\_. Crítica e resignação - fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. p. 33-50. p. 38-39; COHN, G. As Diferenças Finas: de Simmel a Luhmann, RBS, v. 13, n. 38, p. 53-62, 1998. p. 57.

<sup>8</sup>COSER, L. (Ed.) Georg Simmel - makers of modern social science. New Jersey: Prentice-Hall, 1965. p. 10.

significado através de conceitos formulados de modo rigoroso e sistemático, Simmel procura construir de maneira analógica as inúmeras formas que emergem como categorias organizadoras da vida social. Persegue incansavelmente a *correlação entre formas* e procura localizar *congruências sistemáticas* entre elas, no intuito de inferir desse exercício algo que não é diretamente observável na realidade empírica<sup>9</sup>.

Partindo da crença de que não é possível apreender o todo ou a totalidade nela mesma, mas que qualquer fragmento de estudo pode levar a vislumbrar o todo, Simmel pretende mostrar o modo pelo qual cada fenômeno social sempre possui uma multiplicidade de processos formais. Apenas um número limitado de formas pode ser extraído da diversidade complexa dos conteúdos sociais. Além disso, cada forma (independentemente do objeto a que se refere) é sempre uma parte que demanda uma complementação por outras. Uma vez que um grande número de formas opera na sociedade e cada uma limita a realização das outras, nunca podemos reconstruir a realidade pela mera combinação das formas<sup>10</sup>.

Além disso, Simmel mostra-se sobretudo preocupado com a observação das formas em sua realização concreta e indica que os dados macroscópicos só são compreensíveis por meio de uma análise capaz de atingir o nível micro. Embora possamos fazer previsões através do uso das formas, tal recurso é limitado. Não se pôde conhecer especificamente a contribuição particular de qualquer forma e a realidade histórica jamais se encerra exclusivamente em nenhuma delas. A elucidação analógica e a apreciação de formas de uma ordem não totalizada são entendidas<sup>11</sup> assim, como os elementos básicos do método/estilo de Simmel. Embora não seja possível dizer que Simmel tenha fundado um paradigma de análise social, alguns autores têm defendido que o formalismo de Simmel pode ser visto como uma proposta "estético-expressiva" de apreensão "pluralista não sistemática" da



realidade<sup>11</sup>.

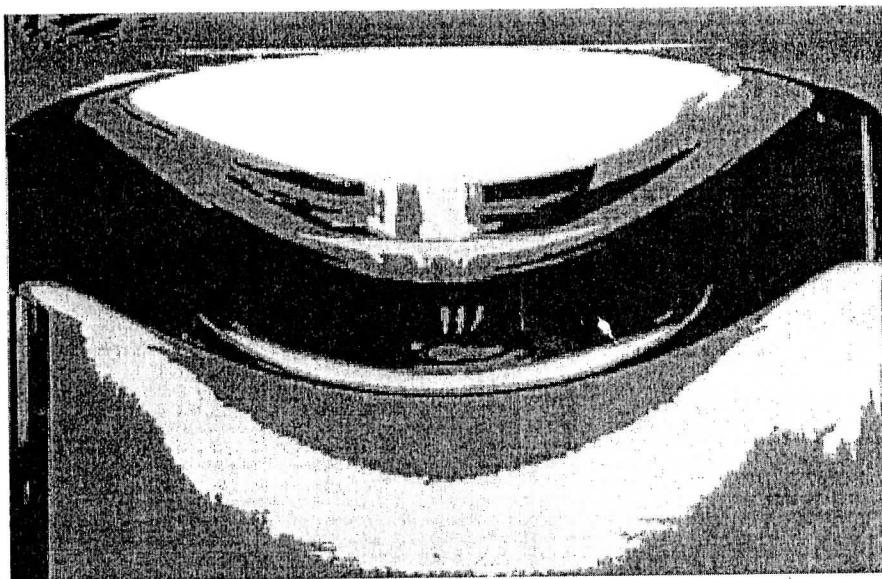
Com relação à segunda noção de "forma" na obra de Simmel - padrões de interação que sublinham os conteúdos sempre mutantes das interações sociais - , o relacionismo de Simmel evidencia que a vida social implica uma formalização da realidade, já que a ação de modelização é realizada pelos próprios atores sociais. Forma, nesta perspectiva, passa a designar cada vez mais a noção weberiana de "tipo ideal de orientações recíprocas", ao invés de conceitos abstratos ou generalizáveis. Simmel, tal como Weber, parte sempre do princípio de que uma análise sociológica deve remontar às ações e reações dos indivíduos na situação em que se encontram. Embora Simmel não tenha utilizado o termo "estrutura" em seu estudo das formas de socialização, "forma" aqui pode ser entendida como papéis, *status*, posição e normas, vistos como reciprocidades, tal como ocorrem nos complexos históricos. O estudo é desenvolvido em termos de padrões de comportamento recíproco.

No quadro teórico de Simmel, o problema da forma torna-se, pois, particularmente evidente no contexto da interação. As formas não podem ser reduzidas a processos que ocorrem no interior dos indivíduos envolvidos, uma vez que transcendem as motivações subjetivas, os interesses, as intenções e os impulsos puramente internos dos agentes. Tenbruck defendeu tal proposta de Simmel:

<sup>9</sup>WEINSTEIN, D.; WEINSTEIN, M. Postmodern(ized) Simmel. London: Routledge, 1993. p. 9-28.

<sup>10</sup>FRISBY, D. Georg Simmel. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.; TENBRUCK, F. H. 'Formal Sociology'. In: COSER, L. Georg Simmel - makers of modern social science. New Jersey: Prentice-Hall, 1965. p. 77-96. p. 96.

<sup>11</sup>WEINSTEIN, D.; WEINSTEIN, M. Postmodern(ized) Simmel. London: Routledge, 1993. p. 12.



*“Só é possível que as formas operem para os indivíduos porque os atores ‘entendem’ a situação. As formas são as reciprocidades latentes de situações típicas. E o ‘entendimento’ da situação - isto é, a apreensão de suas características típicas e essenciais -, não é, para Simmel, restrita àquelas situações que a cultura revelou para os atores como sendo típicas. A sociologia formal se baseia na suposição de que a ação com sentido pode se originar nos indivíduos. E é essa suposição que permite um entendimento peculiar da sociedade, na qual o homem é simultaneamente objeto e sujeito, um entendimento que apreende a sociedade ao mesmo tempo em seus aspectos estáticos e dinâmicos”.*<sup>12</sup>

Em suas interações, os indivíduos se defrontam, não como entes puramente singulares, mas sim como indivíduos já socializados e que devem se definir mutuamente na relação. Assim, as formas podem ser compreendidas como a modelagem mútua de um mundo comum em meio a uma ação conjugada. Elas oferecem aos parceiros da interação uma pré-compreensão da situação, uma estrutura de expectativas recíprocas e a possibilidade de construir de maneira coordenada o

desenrolar da ação. É a inclusão recíproca em certas categorias, congruentes com a situação, que permite aos parceiros ir delimitando mutuamente a margem de escolhas possíveis, e definindo o curso da conduta. Estabelece-se uma cumplicidade coordenada, de tal modo que há uma correspondência entre as restrições recíprocas à autonomia da ação.

Simmel chama atenção especial para o fato de que as formas se desenvolvem na interação. E isso significa não apenas que a forma se origina no processo de interação e subseqüentemente restringe e estrutura o comportamento do ator, mas, também, que os atores modificam e recriam os elementos presentes nas formas estabelecidas. Para Simmel, o ator nunca perde a sua espontaneidade e a possibilidade de exercer influência sobre as formas. Isso quer dizer que os indivíduos, ainda que sigam práticas sociais rotinizadas e padrões institucionalizados de comportamento, colocam conteúdos particulares e variáveis nas formas gerais, os quais podem escapar do controle administrativo, da regulamentação legal ou do alcance político. As formas assim possuem um caráter dual, são superiores aos atores e, ao mesmo tempo, a eles submissas. As formas operam sobre os atores e os atores operam sobre elas<sup>13</sup>.

Seria um equívoco fazer supor, nesta perspectiva, que a referência à

<sup>12</sup>TENBRUCK, F. H. 'Formal Sociology'. In: COSER, L. Georg Simmel - makers of modern social science. New Jersey: Prentice-Hall, 1965. p. 77-96. p. 95.

<sup>13</sup>TENBRUCK, F. H. 'Formal Sociology'. In: COSER, L. Georg Simmel - makers of modern social science. New Jersey: Prentice-Hall, 1965. p. 77-96. p. 94; COSER, 1996: 10-14)



forma signifique um convite para abandonar o campo dos conteúdos. Os fundamentos da socição ou dos processos pelos quais nos tornamos membros da sociedade têm uma localização espaço-temporal. Neste aspecto, "um dos objetivos mais ambiciosos de Simmel", como David Frisby e Mike Featherstone expressaram, foi, exatamente, "o estudo das condições formais para a possibilidade e a existência das formas de interação social"<sup>14</sup>. Nessa perspectiva, o relacionismo de Simmel inspirou diferentes escolas americanas e européias da fenomenologia e do interacionismo simbólico. A riqueza de detalhes com que Simmel retrata a vida cotidiana exerceu influência em correntes da Teoria Crítica e dos Estudos Culturais, de uma maneira muito mais sólida do que até então se havia acreditado<sup>15</sup>. De tal modo, Simmel têm sido reconhecido tanto como "um dos grandes pioneiros da sociologia da ação"<sup>16</sup> "quanto um dos pioneiros", que "buscou analisar o espaço social como uma dimensão crucial da interação social e, também, das formações culturais"<sup>17</sup>.

## Revisitando a noção de sociabilidade

Ao revisitar o quadro analítico de Simmel acerca das formas de socição, mais do que perseguir a controvérsia em torno da distinção forma/ conteúdo, parece-me particularmente elucidativo buscar entender o modo pelo qual tal distinção evidencia a tendência problemática da integração normativa, primeiramente do indivíduo no conjunto social e, também, da dinâmica das interações simples com as ordens normativas e políticas mais amplas.

Simmel confere especial atenção à dimensão da espontaneidade na vida social. Ao focar sua atenção nos "detalhes", nas "falas descompromissadas", nas "banalidades" da vida social, este autor procura fazer ver que nenhuma regulamentação normativa ou coerção institucional pode substituir inteiramente os sentimentos que nascem li-

vemente nos homens em suas aproximações e afastamentos recíprocos. É, assim, característica marcante nos escritos de Simmel, o exame das formas em sua emergência (em seu *status nascendi*, como ele mesmo afirma) nas interações diárias entre os indivíduos, apesar de quão efêmeras estas possam ser. Neste sentido, a referência simmeliana de que as formas representam a sociedade em seu *status nascendi*, diz respeito à emergência das formas, não no tempo histórico, mas na contínua espontaneidade através da qual elas se sustentam nas interações interpessoais.

Embora não possamos tomar as formas independentemente do conteúdo, a sociabilidade, diz Simmel, é "como se fosse" um "*actus purus*" encontrado na "vitalidade dos indivíduos reais, na sensibilidade e nas afinidades deles, na integridade de suas convicções e impulsos"<sup>18</sup>. Afirmando ser este "um fenômeno sociológico *sui generis*", Simmel parece centralmente fazer referência ao processo associativo em si, isto é, à força gregária que une os indivíduos. Apesar de não desenvolver de modo detalhado tal questão, Simmel dá a ver que não é de interdependência que se trata, mas de reciprocidade. Como forma lúdica de socialização, marcada pela orientação voluntária e livre, a "sociabilidade é um jogo no qual as pessoas, na verdade, jogam/desempenham"<sup>19</sup> a sociedade"<sup>20</sup>. Como um jogo social, a sociabilidade pode tomar muitas formas, desde as mais universais presentes no "instrumento mais abrangente da vida comum da humanidade - a conversação"<sup>21</sup>, até as mais específicas, tal como no jogo erótico do flerte, ou da sedução. O elemento de "jogo" sugere o modo complexo pelo qual os indivíduos podem se identificar e se inserir nas categorias socialmente construídas; abre questões acerca do modo pelo qual podemos nos apresentar para outras pessoas e manejar nossa própria apresentação, e indica, ainda, o caráter inevitavelmente construído das convenções, e, portanto, da própria realidade social.

Contudo, atento para a persis-

<sup>14</sup>FRISBY, D.; FEATHERSTONE, M. *Simmel on culture - selected writings*. London: Sage Publications, 1997. p. 11.

<sup>15</sup>Diversos autores apontam que o relacionismo de Simmel, difundido nos Estados Unidos por Park e Burgess, continuou inspirando boa parte da segunda geração da Escola de Chicago, particularmente Ross, Merton, Warner, Homans, Moreno, Riesman, Caplow. E afirmam que uma nova geração de intelectuais, tais como Coser, Levine, Hughes, Tenbruck, tem se incumbido de reatualizar a obra nos mais diversos aspectos. Na Europa, o formalismo simmeliano foi principalmente desenvolvido por seguidores como G. Lukács, E. Bloch e S. Kracauer. Trabalhos recentes têm buscado analisar o modo pelo qual a obra do autor desempenha um papel constitutivo na sociologia da cultura, no Expressionismo Alemão, nos Estudos Culturais e em correntes do pós-modernismo. Para uma revisão da influência da obra de Simmel, ver: Filho, E. 1983: 19-32; Frisby, D. 1990: 227-249; Frisby, D. e M. Featherstone, 1997: 1-31; Weinstein, D. e A. Weinstein, 1993: 1-49; Coser, 1965: 23-28; Alexander, 1998, 110-117.

<sup>16</sup>BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993. p. 503.

<sup>17</sup>FRISBY, D.; FEATHERSTONE, M. *Simmel on culture - selected writings*. London: Sage Publications, 1997. p. 11.

<sup>18</sup>SIMMEL, G. *The Sociology of Sociability*. In: FRISBY, D.; FEATHERSTONE, M. *Simmel on culture*. London: Sage Publications, 1997. p. 120-130, p. 128.

<sup>19</sup>Como se sabe, o termo inglês "play" designa indistintamente: (1) entregar-se ao jogo, ou fazer parte dele; (2) brincar, divertir-se ludicamente ou fazer brincadeira; (3) desempenhar, manejar com destreza distintas combinações de um script; executar habilmente aquilo a que se estava obrigado, seja um papel seja uma função.

<sup>20</sup>SIMMEL, G. *The Sociology of Sociability*. In: FRISBY, D.; FEATHERSTONE, M. *Simmel on culture*. London: Sage Publications, 1997. p. 120-130, p. 125.

<sup>21</sup>SIMMEL, G. *The Sociology of Sociability*. In: FRISBY, D.; FEATHERSTONE, M. *Simmel on culture*. London: Sage Publications, 1997. p. 120-130, p. 126.

tência das formas culturais através do tempo e do espaço, Simmel afirma que as configurações da sociabilidade podem se tornar ossificadas num conjunto de regras que estabelecem vínculos formais, que correm o risco de se tornarem "caricaturas" delas mesmas. Tem-se aí o paradoxo da cristalização das formas objetivas que se confrontam com os homens como entidades estranhas a eles e que podem se esgotar no momento em que os indivíduos, por sua vez, não se reconhecem mais nelas. Diz Simmel, "no momento em que as formas sociais se tornam um fim nelas mesmas, a sociabilidade se desintegra"<sup>22</sup>.

Apesar das limitações do aparato conceitual próprio do contexto no qual estava operando, Simmel aponta que cada processo de integração social é simultaneamente um processo de socialização para sujeitos que são formados nesse processo, e que, por sua vez, eles renovam ou estabilizam a sociedade, como o conjunto de relações interpessoais<sup>23</sup>. As ordens sociais permanecem dependentes da atualização que os próprios indivíduos operam em situações concretas, nos múltiplos interstícios e nichos microscópicos da vida social. Este autor indica, assim, a possibilidade de um conjunto sempre renovado de formas de sociação; as formas sociais duradouras e os conteúdos fugidios da vida mental se unem sem jamais se fundirem. A tensão constante entre o mundo das interações diárias simples ou do entendimento intersubjetivo e suas expressões na ordem social e na cultura parece inevitável. A coordenação entre vida e forma é raramente tornada harmônica.

Além disso, Simmel tragicamente evidencia a dificuldade de se assegurar a reciprocidade das ações nas sociedades modernas, já que o desenvolvimento das formas da cultura é sempre acompanhado por vários níveis de diferenciação, funcionalização, abstração e dominação. Simmel faz notar que as sociedades modernas produziram uma rede intrincada de relações, com progressiva diferenciação social. Por um lado, a multiplicação das relações sociais colocou os homens em maior pro-

ximidade uns dos outros, através de contatos mais freqüentes. Por outro lado, a diferenciação social introduziu novas fontes de desigualdades e assimetrias, e, assim, dificultou os gestos e os sentimentos recíprocos<sup>24</sup>. Como se assegurar, na vida social, a continuidade da ação espontânea?

Uma referência fundamental para fazer avançar a noção de sociabilidade é encontrada nos trabalhos de Michel Maffesoli (1987, 1996). Este autor entende a socialidade como "uma expressão cotidiana e tangível da solidariedade de base, vale dizer, do societal em ato"<sup>25</sup>. A sociabilidade apresenta-se como um aspecto fundamental do estar-junto, de relações de partilha entre indivíduos livres para identificações sucessivas. Permanece em Maffesoli a suspeita simmeliana em relação às teorizações totalizadoras da sociedade e o descontentamento com as explicações mecanicistas das interações sociais, segundo as quais as rotinas locais e micro-sociais reproduzem tranqüilamente a ordem social geral. Maffesoli questiona as grandes totalizações, mas não a potência das interações pessoais e da experiência. Apesar das grandes metrópoles apresentarem ambientes abstratos, plurais e "desterritorializados", redes interativas se estabelecem de forma reticular a partir de grupos de amizade eletiva, de tribos, de relações de vizinhança em nichos microcósmicos, tornando o espaço urbano reterritorializado. Maffesoli enfatiza a qualidade "afetiva" das interações ("a pulsão gregária", "o estar-com") presentes em formas de vida particulares, as quais constituem um "mundo comum" e o sentido de uma realidade compartilhada. Admitindo que o mundo social encontra-se eferivamente fragmentado nas sociedades complexas e altamente diferenciadas, Maffesoli busca evidenciar o vitalismo das interações locais, em comunidades específicas, móveis, permeáveis ou mutantes. Tais interações simples asseguram o sentimento de pertencimento dos indivíduos nas redes de experiência da vida cotidiana, proporcionando o sentimento de familiaridade e um tipo de segu-

<sup>22</sup>SIMMEL, G. The Sociology of Sociability. In: FRISBY, D.; FEATHERSTONE, M. *Simmel on culture*. London: Sage Publications, 1997. p. 120-130, p. 128.

<sup>23</sup>ALEXANDER, J. *Twenty lectures - sociological theory since world war II*. New York: Columbia University Press, 1987; HABERMAS, J. 'Actions, Speech Acts, Linguistically mediated Interactions and the lifeworld'. In: COOKE, M. *On the pragmatics of communication*. Cambridge: MIT Press, 1998(a). p. 215-256.

<sup>24</sup>COHN, G. As Diferenças Finas: de Simmel a Luhmann, RBS, v. 13, n. 38, p.53-62, 1998. p. 55.; LEVINE, D. 'Some Key Problems in Simmel's Work. In: COSER, L. (Ed.) *Georg Simmel - makers of modern social science*. New Jersey: Prentice-Hall, 1965. p. 97-115. p. 110-115.

<sup>25</sup>MAFFESOLI, M. *À sombra de dionísio - contribuição para uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 17.

rança de base, num mundo social que desafia o entendimento e extrapola qualquer ordem "comum" coletiva.

A preocupação teórica com a sociabilidade coloca em relevo o universo simbólico que envolve os indivíduos nas diversas formas de interação social. É esse universo simbólico que se apresenta como o cimento mais profundo, que permite a fusão de subjetividades: o "estar-com", o "ser-com". Para Maffesoli, essa atmosfera simbólica que envolve os indivíduos, justamente por ser subterrânea, "existente em potência" (e, nesse sentido, implícita e imaginada) pode garantir a solidariedade em comunidades específicas, na ausência de crenças comuns. Entende-se que a "realidade social" é uma constituição subjetiva e, como tal, não existe externa ou independentemente do entendimento mesmo dos indivíduos. Assim sendo, o universo simbólico depende de constante atualização por parte dos indivíduos e de práticas interativas concretas. Ao mesmo tempo em que as relações cotidianas são rotinizadas, elas são também marcadas pela pluralidade e diversidade, podendo sempre ser vivificadas pela criatividade do novo.

Maffesoli oferece uma renovada contribuição para a interpretação da *vitalidade* das interações simples, i.e., do dinamismo da relação dos indivíduos uns com os outros e com o mundo social que os rodeia<sup>26</sup>. Para fazer avançar tal argumento, podemos buscar entender com maior especificidade a noção de *vitalidade* das interações sociais aqui presente. É possível dizer que tal noção de vitalidade/dinamismo sugere que as interações individuais não podem ser tomadas como resultantes de uma determinação *mecânica e imediata*, dada pela história, pelo sistema ou pela classe social. Isso implica num afastamento, por um lado, das abordagens ortodoxas do materialismo histórico, nas quais as relações sociais são percebidas como simples reflexo da realidade material e da dialética estrutural marxista, a qual orienta-se por pressupostos que, embora não neguem a dimensão subjetiva das interações sociais, lhe atribuem um caráter pura-

mente residual.

Em segundo lugar, a noção de vitalidade em questão distancia-se da que está presente nas teorias que supõem serem as ações motivadas por formas estritas de racionalidade técnico-eficiente. Como se sabe, nas perspectivas coletivistas racionalistas, as estruturas coletivas são retratadas como externas aos indivíduos e tomadas como impermeáveis às vontades destes. Nessas abordagens, as instituições políticas e econômicas são tratadas como unidades capazes de controlar os indivíduos de fora, quer eles queiram ou não, através de sanções positivas ou negativas. Tende-se a sacrificar o sujeito, reduzindo-o a um ente calculador de meio-fins, prazer-dor. Já a teoria coletivista, que admite a ação não-racional, percebe os atores sendo guiados por ideais e pela emoção. O mundo interno da subjetividade, inicialmente estruturado por objetos externos, passa a incorporar, por esse processo mesmo de socialização, as estruturas extra-individuais. No entanto, a subjetividade só se torna um tópico da teoria coletivista se esse fenômeno da interiorização é aceito. Deste modo, uma atenção ainda secundária é atribuída à interação entre os indivíduos, a qual fica reduzida a um tipo de negociação interpessoal<sup>27</sup>.

A noção da vitalidade das relações interativas em pauta parece também afastar-se da radicalidade com que a perspectiva durkheimiana assume a integração normativa do indivíduo no conjunto social e a primazia da "consciência coletiva" sobre a consciência individual. Por certo, Durkheim tematizou que a realidade existe tanto "dentro" quanto "fora" do indivíduo e que a solidariedade não pode ser garantida somente pela força, mas requer consenso e consentimento. Como se sabe, Durkheim, contrariando a tradição de pensamento racional individualista, parte da premissa de que a racionalidade humana (qualquer que seja seu tipo) está assentada sobre bases emocionais e, portanto, não racionais. Durkheim busca evidenciar as bases não cognitivas da própria cognição e enfatiza o caráter *fundante*

<sup>26</sup>Maffesoli (1987, 1996) identifica um paradigma político na orientação geral da maioria das correntes sociológicas, segundo o qual, o "estar-junto" [*l'être-ensemble*], ele alega, podia apenas ser compreendido sob um horizonte político de uma atitude projetiva: a ação, o futuro, o remoto. Maffesoli busca opor o paradigma político a um paradigma estético associado à abordagem de Simmel com o intuito de revelar "expressões diversas da socialidade contemporânea". Menciona que tais expressões (formas espontâneas de associação, as quais são relativamente autônomas do Estado) tendem a ser consideradas anômicas do ponto de vista da imaginação da moralidade política. MAFFESOLI, M. O tempo das tribos - o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987. MAFFESOLI, M. No fundo das aparências. Petrópolis: Vozes, 1996.

<sup>27</sup>Ver MOUZELIS, N. 'Reification: ignoring the balance between social and system integration'. In: \_\_\_\_\_. *Sociological theory: what went wrong?* London: Routledge, 1995, p. 117-136.; ALEXANDER, J. 'Formal Sociology' is not multidimensional: breaking the 'code' in Parsons's fragment on Simmel'. In: \_\_\_\_\_. *Neofunctionalism and after*. Massachusetts: Blackwell, 1998. p. 163-209.





<sup>28</sup>Particularmente em sua sociologia da religião, Durkheim busca explicitar o modo pelo qual a religião articula símbolos e rituais que, independentemente do conteúdo que apresentam, têm o efeito de criar, entre os indivíduos, afinidades sentimentais que constituem a base de classificações e representações coletivas. Tais formulações proporcionam frutíferos *insights* para uma sofisticada teoria de coesão social, para se tratar "o que" mantém os indivíduos unidos e os faz agir coletivamente. No entanto, as proposições da "macro-sociologia" de Durkheim conduzem a explicações distintas, com suas conhecidas dificuldades para tratar da mudança social, do dinamismo da ordem e do conflito nas sociedades modernas, seculares e segmentadas. Ver: PRATES, A.A.A et al. Temas contemporâneos de sociologia clássica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1991; COHEN, I. J. 'Theories of Action and Praxis'. In: TURNER, B. (Ed.) The blackwell companion to social theory. Oxford: Blackwell, 1998. p. 11-142.

de sentimentos compartilhados, sentimentos esses que são pré-contratuais e apresentam-se como a base para qualquer relação contratual<sup>28</sup>. No entanto, Durkheim, em sua "macro-sociologia", acaba por enfatizar que as entidades coletivas possuem um *status* de realidade externa e que os fatos sociais, extra-individuais, devem somente ser explicados por outros fatos sociais.

As perspectivas teóricas de inspiração simmeliana pretendem, ao contrário, sustentar a centralidade da negociação individual nas interações sociais e a contingência da ordem social. Pensadores de correntes norte-americanas modernas (inspirados no pragmatismo de Mead e no próprio Simmel) ofereceram convincentes ex-

plicações para se compreender como a realidade individual compõe e confere sentido à realidade social e à sociedade. Em perspectivas como a de Blumer, o que define as atitudes individuais não é a mera interiorização das normas, mas a relevância da situação imediata, sendo que o significado é determinado pela negociação individual, ou melhor, pela reação dos outros ao ato do indivíduo. Goffman enfatiza os desejos do indivíduo de manipular a apresentação do "eu" em relação aos papéis socialmente estruturados, e se esforça para explicar o comportamento institucional como originado na interação face a face. Derivando-se da sociologia funcionalista tanto quanto da fenomenologia de Schutz, a

etnometodologia busca explicar a dinâmica das relações interpessoais e a integração normativa do indivíduo em contextos institucionalizados, preservando a dinamicidade entre estrutura, cultura e ação. Nesse sentido, esta abordagem acolhe a centralidade da internalização de normas e busca salientar a prerrogativa do processo cognitivo, através do qual os atores concebem e atribuem sentido às regras e as incorporam nos contextos práticos da vida cotidiana. Sustenta-se, assim, o caráter necessariamente *construído* das normas, isto é, ressalta-se não apenas como elas são especificadas no processo cognitivo, mas, também, como são mudadas e criadas.

Essas correntes teóricas americanas contribuíram para desenvolver o uso preferencial do conceito de socialização (ao invés do de sociedade), contemplando, com isso, a flexibilidade da vida social, que deriva da ênfase dada à motivação da ação e do processo das relações interpessoais. Desenvolvem a noção simmeliana de *papel social* e o jogo, freqüentemente surtil, entre individualidade e papel desempenhado e as diversas *estratégias* de ação disponíveis para o indivíduo num contexto de filiações grupais múltiplas e nem sempre compatíveis entre si<sup>29</sup>. Enfatizando a dimensão interativa das relações, esses estudos tomaram uma base decididamente empírica e, apesar das polêmicas metodológicas associadas a eles, convenceram a muitos pesquisadores de que abordagens mais individualistas podiam oferecer um melhor acesso ao entendimento das práticas sociais.

## A Sociabilidade e alguns percursos da síntese micro-macro

A perspectiva simmeliana, ao fazer divergir nossa atenção do *centro* institucional da sociedade e das regras socialmente reconhecidas, nos revela a dimensão plural, mutante, pulsante da vida do dia a dia nos micro-ambientes sociais. Tal perspectiva deixa-nos atentos para o intrincado jogo e os

descompassos entre as ações dos homens e suas objetificações, num dado campo de interações. Mostra-nos a necessidade de recusar, em nossos modelos interpretativos e explicativos, os elementos determinantes das relações sociais já dados de antemão, com poder de estruturar-se *fora* do âmbito das interações correntes. No entanto, se essa recusa for levada muito adiante, pode ser comprometedora. Privilegiar a dimensão da espontaneidade da sociabilidade, num tipo de "jogo" totalmente descompromissado, pode levar a diversos equívocos.

Primeiro, se ignorarmos as instituições, as tradições, "os padrões regulares de comportamentos e de expectativas", estaremos atribuindo ao ator uma soberania absoluta, concebendo-o como um criador indeterminado, capaz, contudo, de determinar tudo no mundo. Teremos, assim, perdido os recursos cruciais para apreciar o modo pelo qual os indivíduos organizam as demandas práticas da existência na sociedade hierarquicamente organizada e as transformam; como relações de poder atravessam os grupos sociais e formas de dominação e de subordinação sistêmicas se impõem. Neste quadro, sim, estaríamos arremessados num *continuum* de aparências em monótona transformação, sem qualquer vinculação com significações das estruturas histórico-sociais ou de configurações culturais. Sequer seria possível compreender o modo pelo qual os indivíduos constroem o sentido do mundo mais amplo ao redor, interpretam as igualdades/diferenças entre os sujeitos sociais; tornam inteligíveis as oportunidades e os constrangimentos da vida em sociedade. É exatamente nesse ponto que as teorias "micro" das relações sociais, descoladas da preocupação com as normas institucionais mais amplas, ou da análise do desenvolvimento histórico-social, se mostram insuficientes para dar conta desses problemas.

Segundo, ao tratar a noção da sociabilidade, é preciso evitar os riscos de recaída na oposição estrutura/ação. Por certo, os indivíduos no dia a dia estabelecem mecanismos através dos

<sup>29</sup> PLUMMER, K. 'Symbolic Interactionism in the Twentieth Century: The Rise of Empirical Social Theory'. In: TURNER, B. (Ed.) *The Blackwell companion to social theory*. Oxford: Blackwell, 1998. p.223-251.; ALEXANDER, J. 'Formal Sociology' is not multidimensional: breaking the 'code' in Parsons's fragment on Simmel'. In: \_\_\_\_\_, *Neofunctionalism and after*. Massachusetts: Blackwell, 1998. p. 182-185.

quais se aproximam ou se afastam uns dos outros por razões que escapam ao controle de qualquer plano geral, superior, rígido. E isso porque a dinâmica, mesma, de tais interações, na rede simbólica dentro da qual os indivíduos interagem, sempre produz novos sentidos, que escapam ao controle administrativo do Estado, da regulamentação normativa ou da tutela de subsistemas funcionais. Contudo, não fica, assim, resolvida a questão de como os atores sociais produzem novos arranjos institucionais ou modificam os padrões sociais de pensamento, numa cultura majoritária.

O chamado debate "micro-macro" mostra a necessidade de se superar o antagonismo gerado pelas tradições teóricas individualistas (como correntes da fenomenologia e do interacionismo simbólico) e coletivistas (como correntes do neo-marxismo e do funcionalismo)<sup>30</sup>. Nas tradições teóricas individualistas, os fenômenos coletivos são explicados por situações, orientações e crenças ou cognições de atores individuais, a suposição sendo a de que a realidade social é constituída por orientações subjetivas de atores individuais, os únicos atores capazes de formular objetivos e agir intencionalmente. Embora tais teorias frequentemente reconheçam que existam estruturas extra-individuais na sociedade e que nela há padrões inteligíveis, insistem em que esses padrões são o resultado da negociações individuais, e que podem sempre ser alterados a cada momento sucessivo, no tempo histórico, de acordo com desejos individuais. Portanto, as explicações baseadas em coletivos como "classe social", "sociedade", "Estado" são descartáveis como reificações não redutíveis às escolhas individuais. Já nas teorias de tradição coletivista, as variáveis explicativas são buscadas ou nas leis que governam o sistema ou nas determinações estruturais e funcionais que afetam os indivíduos, segundo a suposição de que os sistemas e as estruturas sociais possuem propriedades inerentes que independem da orientação ou da vontade de seus componentes individuais, de modo que esses não podem ser de-

rivados de princípios individuais. Nesta perspectiva, não se concebe a ordem como produto de considerações puramente instantâneas ou momentâneas, mas cada ator individual é "conduzido" na direção de uma estrutura pré-existente, segundo a combinação de certas variáveis ou probabilidades.

A oposição radical entre as dimensões micro e macro, ou, mesmo, a tentativa de uma fácil resolução do conflito tendem a subestimar a sempre presente tensão entre o indivíduo socializado e seu ambiente. Conforme Simmel tragicamente problematiza, não se pode minimizar tal tensão no domínio da teorização sociológica, nem pretender que tal suposta estabilização se dê no âmbito da vida social. Se falharmos em estabelecer uma circularidade inicial entre ator e sistema, a análise encontra-se presa num impasse insuperável. Há novamente que se escolher entre voluntarismo ou determinismo. Essas dimensões "micro" e "macro" não são dimensões analíticas exclusivas, mas devem, ao invés disso, ser tratadas de modo interligado e complementar<sup>31</sup>. Em outras palavras, não se trata de abolir as distinções entre a micro e a macro teorização sociológica nem de ignorar as suas diferenças óbvias, mas de encontrar ferramentas conceituais apropriadas para apreender o modo pelo qual as dimensões do "micro" se relacionam com as do "macro".

Grande parte do movimento teórico contemporâneo tem buscado um princípio de compatibilização das interações sociais simples, no nível do cotidiano, com procedimentos políticos e normativos mais amplos<sup>32</sup>. A discussão acerca da dualidade da estrutura e da reflexividade, em Giddens, por exemplo, busca exatamente evidenciar o modo pelo qual as próprias instituições modernas, organizadas por regras internas, auto-referenciais, modificam os ambientes de conhecimento e de ação - sendo que esses, por sua vez, refletem a estrutura, ao mesmo tempo em que a modificam, numa "hermenêutica dupla". Seguindo explicações pós-funcionalistas da integração social, Habermas trabalha com o conceito

<sup>30</sup>ALEXANDER, J. 'From Reduction to Linkage: the Long View of the Micro-Macro Debate'. In: \_\_\_\_\_, *Action and its environment - toward a new synthesis*. New York: Columbia University Press, 1988. p. 222-256; COHEN, I. J. 'Theories of Action and Praxis'. In: TURNER, B. (Ed.) *The Blackwell companion to social theory*. Oxford: Blackwell, 1998.

<sup>31</sup>MOUZELIS, N. Reification: ignoring the balance between social and system integration. In: *Sociological theory: what went wrong?* London: Routledge, 1995. p. 100-126.; ALEXANDER, J. 'From Reduction to Linkage: the Long View of the Micro-Macro Debate'. In: \_\_\_\_\_, *Action and its environment - toward a new synthesis*. New York: Columbia University Press, 1988. p. 257-298.

<sup>32</sup>Teóricos adeptos de tradições neo-marxista ou funcionalista (tais como P. Bourdieu, A. Giddens, A. Touraine, R. Collins, J. Habermas), através de reinterpretações dos clássicos, têm modificado seus quadros teóricos, buscando inspiração na hermenêutica ou na fenomenologia, ver: ALEXANDER, J. 'From Reduction to Linkage: the Long View of the Micro-Macro Debate'. In: \_\_\_\_\_, *Action and its environment - toward a new synthesis*. New York: Columbia University Press, 1988.; MOUZELIS, N. 'Impasses of Micro-sociological Theorizing'. In: \_\_\_\_\_, *Sociological theory: what went wrong?* London: Routledge, 1995. p. 100-126.

de sociedade descentrada. Sustenta que a regulamentação das sociedades modernas opera através de uma integração sistêmica, segundo recursos representados pelo poder econômico e administrativo e, *também*, pela solidariedade social gerada pelo poder comunicativo. O autor busca entender o Estado e os sistemas funcionais (com suas instituições típicas) como necessariamente articulados - e em<sup>33</sup> indissociável tensão - com o mundo da vida, o campo da organização social, em que o consenso normativo é gerado a partir das estruturas da ação comunicativa<sup>33</sup>. No quadro teórico deste autor, explicações micro sociológicas adicionais, seguindo as tradições da hermenêutica e da pragmática, fornecem um quadro teórico amplo para o desenvolvimento de diversas abordagens analíticas que explicam o modo pelo qual as relações entre os níveis macro e micro são estabelecidas.

## À guisa de conclusão

A sociabilidade, entendida a partir do quadro teórico mais amplo de Simmel, não pode ser vista apenas como uma "categoria" de interação - relações informais, lúdicas, em oposição às relações formais, racionais. A distinção que Simmel estabelece entre as diversas "formas" de interação é importante para se apreender a variedade e as especificidades das relações, bem como a complexidade de suas diversas nuances e modulações. Contudo, a teorização de Simmel sobre a sociabilidade vai além de um suplemento filosófico sobre a "espontaneidade" das interações sociais.

Simmel, ao rejeitar uma visão holística ou centralizada da sociedade como uma estrutura dotada de atributos persistentes, coloca ênfase na "vitalidade" das interações simples, na "potência" dos processos comunicativos sempre permeáveis e dinâmicos. A noção de sociabilidade dá relevo especial às interações pessoais, do face a face, com toda sua contingência e dispersão, e, assim, resiste à tendência de certas abordagens macro-sociológicas

de reificar a vida social. Na dinâmica da interação social, faz indagar a respeito da atmosfera simbólica que envolve a presença viva do "eu" e do "outro", a situação e o contexto em que as interações sociais ocorrem. É possível extrair daí um apontamento para uma abordagem pragmática das interações sociais. Assim, o interesse teórico e empírico nas práticas concretas de interação social torna-se mais sério e explícito.

Não obstante, tal perspectiva não pode ceder à tendência de ignorar as macro-estruturas ou reduzi-las ao entendimento intersubjetivo dos micro-atores. Ao tomar a vida cotidiana como um campo privilegiado de análise, o próprio Simmel reconhece a centralidade do significado coletivamente estruturado das formas. Se a "cultura" é vista como fonte geradora de sentido para a experiência do dia a dia, é preciso evitar o "espontaneísmo", propalado por alguns dos seguidores de Simmel. Há a necessidade de reconhecer a dimensão histórica dos sentidos, buscando entendê-los segundo práticas culturais, que estabelecem distinções que sustentam as hierarquias sociais. Sob tal perspectiva, as assimetrias estruturais, os conflitos sociais e as tensões culturais não podem ser desprezados nos estudos sobre a sociabilidade.

Propor que as estruturas sociais precisam estar ligadas aos atores não quer dizer, evidentemente, que estudos específicos não devam estar voltados para o exame da dimensão macro ou micro da sociedade. Conforme Simmel permite apreender, saltar de um nível ao outro é que não pode ser uma tarefa automática e isenta de tensões como a dicotomia indivíduo/sociedade implica. A contraditória articulação das interações interpessoais com a ordem social e o balanceamento delicado entre a autonomia relativa dos sujeitos e a persistência das formas, bem como as qualidades *emergentes* da vida social, devem ser seriamente levadas em consideração. A vida em sociedade instaura inevitavelmente uma complexidade e um dinamismo que a teoria não deve evitar.

<sup>33</sup>Para discussão a respeito das funções da comunicação na transmissão e reprodução do mundo da vida ver HABERMAS, J. 'Actions, Speech Acts, Linguistically mediated Interactions and the lifeworld'. In: COOKE, M. On the pragmatics of communication. Cambridge: MIT Press, 1998(a). p. 239-254.